

5. Consumo de carne e questões sociais

Carla Djaine Teixeira

Samantha Marques V. Bonfim e

Táisly Camylli de Souza Farias

Neste capítulo, você encontrará os principais fatores sociais e individuais relacionados ao consumo de carne dos indivíduos. Nosso objetivo é apresentar a influência de características como a cultura de uma região, a renda e o gênero das pessoas nos padrões alimentares.

Além disso, concentramos nossa atenção nas explicações psicológicas para as mudanças no consumo de carne e como isso impacta o desenvolvimento de alimentos alternativos à base de plantas. Por fim, abordamos o ativismo alimentar como um fator político importante que pode influenciar tanto o mercado de proteínas vegetais quanto a elaboração de campanhas de conscientização e políticas públicas para promover uma alimentação saudável e sustentável para toda a população.

O papel da carne no Brasil

A carne possui um papel distinto na vida das pessoas, a depender da cultura, da classe social e também das características regionais de um país. Na culinária brasileira, a carne possui um valor simbólico associado à abundância e à sociabilidade [57], que é evidenciado pela “cultura do churrasco” e da feijoada como símbolos da identidade nacional [58]. Essa identidade nacional é marcada por diferentes tipos e formas de se consumir carne nas regiões do país [58,59]. Por exemplo, no Norte do Brasil, a carne de animais silvestres e, principalmente, os pescados são consumidos em uma proporção duas vezes maior do que em outras regiões do país [60]. Enquanto 53% da população brasileira afirma nunca consumir peixe, na Região Norte, 74% das pessoas o consomem pelo menos uma vez por semana. Já na região Sul, o churrasco, principalmente da carne bovina, é predominante e característico da região, a ponto de um de seus municípios ser reconhecido como a “capital do churrasco” pelo Senado Brasileiro [61].

Apesar da representação cultural e simbólica da carne para os brasileiros, esse alimento também reflete as desigualdades sociais do país. As famílias brasileiras que recebem até meio salário mínimo por pessoa gastam cerca de 5% de sua renda para adquirir apenas 1 kg de carne, enquanto as famílias com mais de 4 salários mínimos por pessoa gastam apenas 0,3% (R\$ 95,00) de sua renda para adquirir a mesma quantidade [62].

Isso significa que, mesmo entre os lares mais pobres, a carne está presente, embora represente um gasto significativo, em média, de R\$ 65,00 por mês nesse grupo de alimentos [60]. Além das questões econômicas, outros fatores sociais, como veremos a seguir, também estão relacionados ao maior ou menor consumo de carne pela população.

5.1 O consumo de carne está relacionado a fatores sociais

5.1.1 Renda e raça/cor

A situação socioeconômica do Brasil tem apresentado desafios na aquisição de alimentos a uma parcela significativa da população, especialmente aqueles com um custo mais elevado. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022), aproximadamente 29,4% da população brasileira vive em situação de pobreza, enquanto 8,4% enfrentam extrema pobreza [63]. Como resultado, o consumo de carne no país tem apresentado um declínio influenciado pelas diversas crises sociais, políticas e econômicas enfrentadas recentemente, sendo o alto custo da carne apontado como um dos fatores para essa redução, com 45% das pessoas diminuindo seu consumo [64].

As famílias de baixa renda enfrentam um desafio ainda maior, pois gastam cerca de 17 vezes mais de sua renda para adquirir um quilo de carne bovina em comparação com pessoas de renda mais alta.

Isso mostra que, embora as pessoas em situação de vulnerabilidade econômica ainda possam comprar carne, suas escolhas alimentares são fortemente afetadas pelo impacto financeiro [62].

Com a pandemia da Covid-19 essa situação ficou ainda mais grave: o grupo de carnes foi o alimento que teve maior frequência de redução (44%) na alimentação dos brasileiros [65]. Por outro lado, o grupo dos ovos teve a menor redução (17,8%) e o maior aumento no consumo (18,8%). Esse aumento no consumo de ovos pode indicar uma substituição do consumo de carne. No entanto, antes da pandemia, os dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares [66], quando comparado a aquisição alimentar domiciliar per capita anual entre os anos de 2008 a 2018, revelaram que as carne bovina foi o tipo de carne com maior redução de compra pelos brasileiros (21,62%), seguida da carne suína (12,09%) e de frango (5,95%). Considerando a frequência de consumo de carnes na população brasileira de 2008 a 2017, podemos observar que em 2008 a carne bovina era consumida por 49% da população, e em 2017, esse valor caiu para 38%. Para carne de aves houve aumento de 27 para 31% e a carne suína de 4 para 7%.

Além disso, a renda também desempenha um papel fundamental no consumo de diferentes tipos de carne. Por exemplo, nessa mesma pesquisa, os autores mostraram que pessoas com faixas de renda mais elevadas e com ensino superior têm um maior consumo de peixe, considerado um tipo de carne mais

saudável, em comparação com pessoas de níveis de escolaridade e renda mais baixos, com 53% afirmando nunca consumir peixe [67].

A cor/raça também influencia no acesso aos alimentos e, conseqüentemente, o consumo de carne, uma vez que o racismo estrutural pode ser um determinante nas oportunidades socioeconômicas, no acesso a recursos materiais, contribuindo significativamente para as desigualdades. Por exemplo, no Brasil, os domicílios chefiados por pessoas pretas e pardas enfrentam maior insegurança alimentar, com cerca de seis em cada dez domicílios vivenciando algum grau de insegurança alimentar (35%), enquanto domicílios chefiados por pessoas brancas apresentam uma taxa de segurança alimentar de 53,2% [68]. Essa disparidade pode afetar diretamente o consumo de carne, indicando que tanto a renda como a cor/raça das pessoas são fatores que influenciam no consumo de carne da população.

5.1.2. Gênero e Idade

Ao longo da história, a carne tem sido associada à força, saúde e masculinidade, contribuindo para a ideia de que os homens devem consumi-la em maior quantidade [69]. Essa associação simbólica entre carne e masculinidade leva a um estigma social em relação aos homens que optam por não consumi-la ou reduzi-la, são julgados como menos masculinos ou “menos homem” [70]. Na prática, essa associação entre carne e

masculinidade pode ser percebida por meio da diferença na frequência de consumo de carne entre homens e mulheres. Por exemplo, no contexto brasileiro, 64% das mulheres limitam a frequência do consumo de carne bovina a, no máximo, três vezes por semana, enquanto apenas 51% dos homens adotam este mesmo limite [67]. Essa diferença na frequência de consumo de carne entre os gêneros pode ser atribuída à influência da pressão social e aos estereótipos de gênero relacionados ao consumo de carne.

Além do gênero, a idade é um fator importante que influencia o consumo de carne. Os mais velhos, por exemplo, têm uma maior propensão a consumir carne vermelha com maior regularidade em comparação com os mais jovens [71]. Entre as diferentes idades, também são encontradas diferenças de gênero no consumo de carne. Gonera et al. [72] constataram que a maior parcela de consumidores que comem pouca carne são os mais jovens, especialmente do sexo feminino, e estão mais dispostos a mudar suas dietas em direção a dietas vegetais. Outros estudos, como o conduzido por Lyons e seus colegas [73], identificaram que o gênero tem uma influência maior do que a idade na forma como os indivíduos percebem os valores humanos básicos. Essa percepção pode ser um fator que contribui para que as mulheres apresentem uma maior propensão a adotar uma dieta vegetariana ou vegana devido às suas preocupações com os animais e o meio ambiente, em comparação aos homens [70].

De maneira geral, o consumo de carne não pode ser atribuído a um único fator social. Esse padrão de consumo é moldado por uma complexa intersecção de fatores que incluem cultura e região geográfica, renda e raça/cor das pessoas, bem como questões pessoais como gênero e idade, como vimos anteriormente. Tentar explicar o consumo de carne com base em apenas um desses elementos nos oferece uma visão limitada desse comportamento.

Além disso, como veremos a seguir, existem fatores internos tão relevantes quanto os fatores sociais que também influenciam a escolha de consumir ou não consumir carne.

5.2 O consumo de carne está relacionado a fatores psicológicos

5.2.1. O paradoxo da carne

As questões éticas relacionadas à produção e consumo de carne têm sido cada vez mais debatidas. Um aspecto central nesse debate é o paradoxo da carne, que envolve um conflito entre a consciência dos impactos negativos da produção de carne aos animais e o apego ao sabor e hábitos culturais associados ao consumo de carne [74]. Como a própria noção de paradoxo implica uma contradição de ideias, esse paradoxo é intensificado pelo tratamento e abate dos animais, que frequentemente envolvem práticas que prejudicam o bem-estar animal, como confinamento e métodos de abate dolorosos, causando sensações

conflitantes nas pessoas [74].

Esse dilema pode levar algumas pessoas a mudarem seu padrão de consumo, optando por reduzir ou eliminar a carne da sua alimentação, buscando fontes alternativas de proteína ou escolhendo produtos de origem animal produzidos de forma mais ética, como carne proveniente de fazendas orgânicas e sustentáveis. Por outro lado, algumas pessoas desenvolvem mecanismos psicológicos para lidar com esse conflito, tentando ignorar ou suprimir a consciência de que a carne é proveniente de animais que foram mortos para consumo.

As mulheres, por exemplo, podem ter maior dificuldade em dissociar o animal do alimento do que homens, sendo mais afetadas por esse dilema e apresentando maior propensão a alterar seu padrão de consumo de carne como resultado [74]. Compreender esse paradoxo é fundamental para explicar os fatores psicológicos associados ao consumo de carne e como diferentes indivíduos enfrentam esse conflito. Ele também abre caminho para que potenciais substitutos para carne animal sejam desenvolvidos.

5.3 Fatores políticos influenciam o consumo de carne

5.3.1. Ativismo alimentar: influência no mercado e nas políticas públicas

A produção e o consumo de carne são temas cruciais no debate sobre a sustentabilidade dos sistemas alimentares.

Movimentos como o vegetarianismo e o veganismo defendem modelos alimentares que excluem o consumo de carne por motivos de saúde e ética, buscando conscientizar sobre os impactos ambientais, éticos e de saúde relacionados ao consumo excessivo de carne e promover a adoção de uma alimentação sustentável. Como resultado, o número de adeptos de dietas vegetais está crescendo e exercendo um impacto significativo no mercado, impulsionando o aumento da demanda por alimentos alternativos à base de plantas e o desenvolvimento desses produtos [75].

O segmento de proteínas à base de plantas, conhecido como plant-based, é o que possui maior presença no mercado, com uma ampla variedade de hambúrgueres, bolinhos, nuggets, linguiças e outros produtos que buscam imitar a experiência de comer carne [76,77]. O aumento nessa oferta eventualmente pode permitir que essas opções sejam acessíveis às camadas populares, promovendo a redução do consumo de carne e podendo ter efeitos positivos na saúde e no meio ambiente [76]. Contudo, esses produtos encontram desafios para efetiva inserção no mercado brasileiro, relacionados à composição nutricional e grau de processamento e o fornecimento de insumos para sua produção. Por serem produtos que precisam adicionar ingredientes (sal, açúcar, ervas

aromáticas e aromatizantes, espessantes, gelificantes, carboidratos e emulsões de óleo) para alcançar uma experiência sensorial no consumo de carne animal que atraia o paladar do público, os aspectos nutricionais dessas alternativas podem ser nocivos para a saúde e precisam ser amplamente avaliados [77].

Já a carne de laboratório, também conhecida como carne celular, *in vitro*, artificial, de laboratório ou 'limpa', apresenta problemas parecidos para estar apta a oferecer um produto competitivo aos consumidores. Atualmente, são produzidas fibras musculares desalinhas, mas ainda distintas das texturas dos diferentes componentes da carne de verdade, definidas pelas experiências sensoriais e presença de certos nutrientes resultantes do metabolismo do animal no processo de multiplicação celular – situação que é contornada pela adição de ingredientes na fase final da cadeia produtiva – de sua ingestão.

Esses produtos muitas vezes são apresentados como a solução mais promissora para os problemas associados à carne, entretanto, desconsideram dois aspectos fundamentais, especialmente em países desiguais como o Brasil: o papel da carne em diferentes contextos e os custos de dietas saudáveis e sustentáveis. Isso indica que o debate sobre os problemas do consumo excessivo de carne em determinados contextos não deve ser conduzido apenas sob a perspectiva de mercado. É crucial implementar ações eficazes que garantam o acesso a

uma alimentação saudável e sustentável a todas as pessoas [75].

Nesse contexto, os movimentos sociais que visam garantir o direito à alimentação adequada têm o potencial de influenciar políticas em diversos setores promover a produção e consumo de alimentos saudáveis e sustentáveis. Isso inclui o apoio a práticas agroecológicas, agricultura familiar, diferentes sistemas agroalimentares e a regulamentação de carnes ultraprocessadas produzidas por grandes empresas. Esse potencial é apresentado em documentos de referência, como “Proteínas e Política” do [75], que destaca a necessidade de transformação abrangente nos sistemas alimentares, não se limitando apenas às proteínas. Esse documento ressalta que é fundamental o foco central do debate sobre consumo de carne levar em consideração as perspectivas de múltiplos atores, especialmente aqueles grupos cujas opiniões são frequentemente ignoradas e que desempenham papéis-chave, tais como pequenos produtores, agricultores familiares, ribeirinhos, pescadores artesanais e povos indígenas [75].

Considerações finais

- O consumo de carne de um indivíduo é afetado por suas características pessoais, assim como por fatores externos como cultura, gênero, renda e cor/raça;
- Implicações éticas e fatores psicológicos também desempenham um papel importante no consumo de carne;
- O mercado se apropria dos problemas relacionados ao consumo da carne e torna necessário um debate político para garantir uma alimentação adequada a todos, especialmente para aqueles que não têm condições de adotar uma alimentação saudável e sustentável.

Saiba mais!

Episódio do Podcast Prato Cheio: [“A fantástica fábrica de carnes e a corrida pela produção do bife de laboratório.”](#)

IPES-FOOD. (2022). [Proteínas e Política: Mitos e fatos sobre carne, peixe, “proteínas alternativas” e sustentabilidade.](#)